

# MASSACRES EM ESCOLAS BRASILEIRAS: COMO A PSICOLOGIA ESCOLAR TEM AGIDO PARA PREVENI-LOS?

## *MASSACRES ON BRAZILIAN SCHOOLS: HOW HAS SCHOOL PSYCHOLOGY ACTED TO PREVENT THEM?*

**Arthur Felipe Lustosa<sup>1</sup>**

**Camila Siqueira Cronemberger Freitas<sup>2</sup>**

**Resumo:** O aumento do número de massacres em escolares brasileiras nos últimos anos gerou sofrimento e preocupação nas escolas do país, levando a população a questionar por que eles ocorrem e o que fazer para preveni-los, contudo, a produção científica da psicologia brasileira sobre o assunto ainda é escassa. Este estudo consiste uma revisão narrativa de literatura e teve com objetivo geral verificar se as ações da Psicologia Escolar no combate a essa forma de violência têm potencial para prevenir novos massacres nas escolas brasileiras. Os resultados mostraram que a maioria das produções enfatiza o combate ao *bullying*, enquanto se dá menor foco a outras causas dos massacres. Ressalta-se a necessidade da presença de psicólogos nas escolas brasileiras para garantir tanto um trabalho efetivo de prevenção a essa forma de violência quanto o aumento da produção científica sobre o trabalho desse profissional na prevenção dessa forma de violência.

**Palavras-chave:** Massacre escolar. Psicologia escolar. Prevenção.

**Abstract:** The increase in the number of massacres among Brazilian schoolchildren in recent years has generated suffering and concern in the country's schools, leading the population to question why they occur and what to do to prevent them. However, the scientific production of Brazilian psychology on the subject is still scarce. This study consists of a narrative literature review and its general objective was to verify whether the actions of School Psychology in combating this form of violence have the potential to prevent new massacres in Brazilian schools. The results showed that most productions emphasize the fight against bullying, while there is less focus on other causes of massacres. The need for the presence of psychologists in Brazilian schools is highlighted to guarantee both effective work to prevent this form of violence and the increase in scientific production on the work of these professionals in preventing this form of violence.

**Keywords:** School massacre. School psychology. Prevention.

## Introdução

Massacres em escolas são uma modalidade de violência “marcada por ataques intencionais direcionados contra o ambiente escolar [...] ocorrendo de modo premeditado e com a utilização de armas” (Grampa, 2023, *apud* Brasil, 2023, p. 26). Embora esse fenômeno já ocorresse antes nos Estados Unidos, foi o massacre de Columbine, em 1999, que popularizou esse tipo de violência, passando a ocorrer com mais frequência também em outros países, como o Brasil.

Desde 2002, ocorreram 36 ataques armados em escolas brasileiras (Sousa, 2024) e destes, 58% aconteceram em 2022 e 2023. Esses números sugerem que esses eventos podem se tornar mais frequentes daqui em diante, caso não se trabalhem formas de preveni-los. Ao comentar o relatório “*Ataque às escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental*” para o Jornal da USP, o professor Daniel Cara, docente de Educação da USP e relator do documento, afirma que “o Brasil não está no paradigma se vai acontecer um novo ataque, está no paradigma de quando vai acontecer” (Sousa, 2024), o que valida a preocupação aqui apresentada em relação à ocorrência de novos ataques em escolas brasileiras.

Os ataques a tiros eram e ainda são muito comuns nos Estados Unidos, onde a posse e o porte de armas são liberados para grande parte da população e a indústria armamentista exerce grande influência econômica e política, logo, o acesso a armas é mais facilitado por lá, como se vê no documentário “*Tiros em Columbine*” (2002). Apesar de o Brasil apresentar um cenário diferente, observou-se um aumento drástico desses massacres nos últimos anos, já que 21 ataques aconteceram em 2022 e 2023, após a reabertura das escolas no pós-pandemia (Bimbati e Barreto Filho, 2023), o que significa que mais da metade de todos os ataques já registrados no país aconteceram em dois dos últimos três anos.

Em grande parte da população brasileira, especialmente em quem possui filhos em idade escolar, essa tendência de alta dos massacres escolares gera preocupação e ansia por entender por que eles ocorrem e saber como evitar que esses casos ocorram novamente. Por muito tempo, parte das pessoas atribuiu a culpa pelos massacres escolares ao *bullying* previamente sofrido pelos atiradores e a *videogames*, nos quais há violência e armas, como fatores que estimulam e/ou explicam a vontade de algumas pessoas de executarem esse tipo de ataque em escolas. No entanto, isso não explicava por que esses eventos não aconteciam

antes no Brasil, afinal o *bullying* é uma prática recorrente há décadas em escolas (Gomide e Rocha, 2024, p. 27) e jogos de tiro são comercializados no Brasil pelo menos desde os anos 1990, como os dois primeiros jogos da franquia Resident Evil, lançados em 1996 e 1998 (Kovacs, 2021).

Sendo assim, era preciso aprofundar esse debate e olhar para outras questões que não estavam sendo levadas em consideração. Por exemplo: como era a relação desses atiradores com a escola e seus colegas? Como era a relação deles com seus pais? Existe alguma influência ou motivação política nesses ataques? Como eles tiveram acesso a armas de fogo para realizarem esses crimes? Essas e outras perguntas precisam ser respondidas para aumentar a compreensão sobre esse fenômeno e permitir o combate eficaz a ele.

A Psicologia, enquanto ciência da mente e do comportamento humano, deveria ser capaz de estudar, compreender e explicar por que os ataques em escolas acontecem, de forma que seria possível formular estratégias e políticas públicas de prevenção a esses eventos, contudo, há ainda uma grande escassez de pesquisas sobre esse tema na perspectiva da Psicologia. Entender o fenômeno dos massacres escolares é urgente e é dever também da Psicologia, pois para ocorrer uma educação eficaz, crítica e transformadora, é preciso que a escola seja um espaço seguro, tanto para estudantes, quanto professores e demais membros da comunidade escolar. Além disso, visto que esses episódios se tornaram mais frequentes nos últimos anos, existem chances de novos ataques ocorrerem nos próximos anos se não forem tomadas medidas eficientes de prevenção contra eles.

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo geral, a partir de uma revisão narrativa de literatura, verificar se as ações realizadas pela Psicologia Escolar para combater a violência na escola têm potencial para prevenir massacres em escolas brasileiras e tem os seguintes objetivos específicos: identificar as causas e as condições que favorecem a ocorrência dos massacres em escolas, caracterizar as ações dos autores dos massacres e analisar as ações dos psicólogos escolares brasileiros na prevenção e na posvenção dos massacres nas escolas.

## **Metodologia**

Trata-se de uma revisão narrativa de literatura, portanto, uma pesquisa qualitativa. Esta, segundo Silva (2010, p. 6), trabalha com “valores, crenças,

representações, hábitos, atitudes e opiniões”, “aprofunda a complexidade de fenômenos, fatos e processos, [...] estabelece inferências e atribui significados ao comportamento”. Sendo assim, configura-se como a abordagem de pesquisa adequada para investigar fenômenos que necessitem de explicações contextualizadas.

Em Psicologia, é muito comum se utilizar da abordagem qualitativa, justamente pela necessidade de compreender e explicar sentimentos, pensamentos e comportamentos, sem perder de vista os contextos em que ocorrem (Silva, 2010, p. 7). Por isso, decidiu-se optar pela pesquisa qualitativa como abordagem para a realização deste trabalho.

Revisões narrativas de literatura permitem apresentar o “estado da arte” de um determinado assunto, sob ponto de vista teórico ou contextual (Rother, 2007) e sua importância advém do fato de que permitem que o leitor se atualize em pouco tempo sobre uma temática de interesse. Esse tipo de produção não necessariamente informa a metodologia de busca de referências nem os critérios para seleção dos trabalhos e a análise dos dados é permeada pela subjetividade do autor.

Para esta pesquisa, foram utilizados artigos, dissertações, monografias e capítulos de livros disponibilizados na plataforma Google Acadêmico, publicados de 2014 a 2024. Foram excluídas publicações que não abordam a temática dos massacres em escolas brasileiras, ou que não foram escritas em português ou que não foram produzidas por profissionais e/ou acadêmicos de Psicologia.

Os descritores utilizados no Google Acadêmico foram *massacre escolar*, *“psicólogo escolar”* e *prevenção*. Foram aplicados os critérios de exclusão e restaram 14 publicações, que foram analisadas para a produção deste trabalho.

Também foram pesquisados artigos nas plataformas SciELO Brasil e PubMed usando os mesmos descritores, contudo, até o dia 24 de novembro de 2024, não foram obtidos resultados nessas duas plataformas. Sendo assim, foram consideradas apenas as publicações encontradas na plataforma Google Acadêmico.

## **Resultados e Discussões**

A partir da análise das publicações da Psicologia brasileira sobre o tema dos massacres escolares no Brasil, foram organizados três tópicos para esta seção do trabalho: definição de massacres escolares e possíveis causas e condições para sua ocorrência; a atuação da Psicologia brasileira na prevenção e na posvenção de massacres em escolas; reflexão sobre as contribuições da Psicologia Escolar brasileira para a prevenção de novos massacres.

### **Definição de massacres escolares e possíveis causas e condições para sua ocorrência**

Nesta seção do trabalho, foram utilizadas quatro das publicações encontradas para abordar o tema deste tópico, além de referências teóricas externas. Estas publicações focaram mais na análise das causas sociais, históricas e culturais que influenciam o acontecimento dos massacres, sem relatar experiências já realizadas de prevenção aos massacres, embora alguns tenham feito sugestões de intervenções. A seguir, serão abordadas a definição dos massacres e possíveis causas para esse fenômeno.

Massacres escolares recebem diferentes denominações, como “atentados escolares”, “tiroteios escolares” - do inglês *school shootings* - “ataques às escolas”, “ataques de violência extrema contra as escolas”, dentre outros. Neste artigo, todos estes termos serão usados como sinônimos, embora possa haver eventuais diferenças entre eles. Dentre as opções acima, *massacre escolar* foi a expressão que gerou resultados mais precisos acerca do fenômeno aqui estudado, isto é, menor amostra inicial de artigos, porém com mais artigos abordando o tema, ainda que indiretamente, após serem aplicados os critérios de exclusão. Assim, essa expressão foi considerada como principal neste artigo e será definida com mais detalhes a seguir.

Massacres escolares podem ser definidos como um atentado, no qual o autor é um “perpetrador que é um estudante ou ex-estudante e mata múltiplas vítimas em uma instituição escolar” (Brasileiro *et al.*, 2024, p. 2). Segundo Araújo e Souza Júnior (2023), os massacres escolares são atos de violência extrema e, de acordo com Vieira, Mendes e Guimarães (2009) *apud* Araújo e Souza Júnior (2023), esse fenômeno - *school shooting* ou tiroteio escolar - acontece quando um ou mais indivíduos utilizam-se de armas de fogo para assassinar um grande número de pessoas dentro de uma instituição de ensino. Além disso, os massacres são crimes

planejados com antecedência por seus perpetradores (Araújo e Souza Júnior, 2023; Brasileiro *et al.*, 2024; Vilalba, 2020). Os autores e as autoras acima também concordam que existem diversas causas possíveis para acontecer um massacre escolar.

Sendo assim, sintetizando os conceitos acima, podem-se definir os massacres escolares como atos de violência planejados e cometidos por um ou mais indivíduos, que usam armas de fogo para matar mais de uma pessoa dentro de uma instituição escolar. Nessa definição, as instituições escolares são escolas públicas ou privadas que podem abranger desde o Ensino Infantil até o Ensino Médio.

Seguindo em frente na busca por compreender o fenômeno dos massacres, é necessário investigar o que explica sua ocorrência. Como foi dito anteriormente, há várias causas possíveis para explicar a ocorrência de massacres escolares. Para entendê-las, é preciso analisar os perpetradores dos ataques, sua história de vida e os contextos sociais em que eles estavam inseridos. Humanos são seres biológicos, históricos e sociais, logo, analisar suas ações por apenas um desses prismas pode incorrer em distorções da realidade ou análises que não levam em conta a complexidade humana. Portanto, a seguir serão discutidos aspectos individuais e sociais/contextuais que levam jovens a cometer crimes de violência extrema em escolas.

Dentre as características mais comuns aos perpetradores, estão: histórico de sofrimento por *bullying* e/ou traumas; sentimento de rejeição pelos pares; dificuldade em lidar com frustrações; comportamento agressivo; gosto por jogos virtuais de tiro em primeira pessoa, os chamados *FPS - First Person Shooting*, em inglês (Araújo e Souza Júnior, 2023); e, no Brasil, a grande maioria são garotos de classes sociais mais pobres, diferente do que ocorre nos EUA (Brasileiro *et al.*, 2024, p. 8), onde a maioria são homens brancos de classe média (Gomide e Rocha, 2024, p. 26; Brasileiro *et al.*, 2024, p. 8).

Embora essas características possam ser comuns a parte dos perpetradores, isso não significa que exista um “perfil único” de atiradores de escolas. A mera existência de uma ou mais delas não significa que uma pessoa cometerá um massacre em uma escola. Como afirma Brasil (2023, p. 99), atribuir a responsabilidade desses ataques a “estudantes com problemas, transtornos ou em condições de doenças mentais é tratar do assunto de modo superficial, sem uma

visão da totalidade” e “reduz um problema complexo e multideterminado a questões do indivíduo”.

Em consonância com esta visão complexa do fenômeno em questão, Brasileiro *et al.* (2024) afirmam que os atiradores são pessoas que sofrem os efeitos da socialização masculina, que exalta a virilidade/agressividade/violência nos homens, eles reproduzem a violência estrutural da sociedade, assimilam a noção de indivíduo neoliberal e transferem a lógica da competitividade do mercado para suas outras relações.

Seguindo no caminho de expandir os olhares em relação a esse fenômeno, os materiais analisados reportam que os seguintes aspectos sociais e contextuais favorecem o acontecimento de ataques contra escolas: sensação de desamparo e alienação; sinais de isolamento social; participação em grupos extremistas nas redes sociais e em fóruns anônimos na internet, onde se estimula o ódio por vários setores da sociedade; influências negativas recebidas pela mídia e pelas redes sociais, que trazem ampla cobertura e repercussão duradoura sobre casos de massacres; elementos culturais disseminadores de ódio e glorificação da violência contra grupos específicos; exclusão social; e fácil acesso a armas de fogo (Araújo e Souza Júnior, 2023; Brasileiro *et. al*, 2024). Além desses, citaram-se a destruição dos postos de trabalho, que aumentam a sensação de desamparo nas famílias, e a precarização da escola pública, que pode levar os jovens a terem mais imagens, experiências e opiniões negativas da escola (Brasileiro *et. al*, 2024).

O parágrafo anterior trouxe elementos culturais e sociais importantes que mostram o quanto o problema dos massacres precisa ser combatido com urgência. Segundo Brasil (2023, p. 58), o discurso de ódio alimenta o extremismo e este é a base que estimula os ataques a instituições no país, como as escolas. E isso se torna mais preocupante porque outros elementos citados acima foram a participação de jovens em grupos extremistas nas redes sociais, o desamparo sofrido pelas famílias brasileiras e a precarização da escola pública e estes são problemas que tendem a crescer nos próximos anos.

O sucateamento da escola pública brasileira faz parte do projeto capitalista neoliberal de governo (Libâneo, 2012, p. 23), que reduz os investimentos públicos com o objetivo de transferir os serviços estatais para a iniciativa privada. As políticas neoliberais de austeridade e corte de gastos aumentam a sensação de desamparo nas camadas mais pobres, aumentam a insatisfação da população e dão margem

para o surgimento de figuras de extrema-direita (Mattei, 2023, p. 256), um processo que se vê com clareza no Brasil de hoje. Assim, esses aspectos sociais e culturais mostram que o Brasil é um terreno fértil para a reincidência de novos ataques às escolas.

Por fim, quanto às principais motivações para cometer massacres em escolas, estão: o desejo de se vingar de pessoas que supostamente são as responsáveis pelo sofrimento do futuro atirador; e o desejo por fama e notoriedade, alimentados pelos grupos extremistas, onde aqueles que conseguem realizar os massacres se tornam ícones, heróis a serem cultuados, mesmo que venham a morrer durante os ataques ou serem presos (Gomide e Rocha, 2023; Araújo e Souza Júnior, 2023).

As informações acima mostram que de fato os ataques em escolas são complexos e que, assim como compreender esse fenômeno exige um esforço de muita pesquisa, estudo e reflexão, combatê-lo e preveni-lo também requer um grande esforço da sociedade. Mas surge a dúvida: como agir? O que fazer para evitar a ocorrência dos massacres? A seguir, será analisado como a Psicologia Escolar brasileira tem agido para impedi-los.

### **Atuação da Psicologia Escolar brasileira na prevenção e na posvenção de massacres em escolas**

Para esta seção do artigo, foram utilizadas dez produções encontradas durante levantamento bibliográfico. Todas trataram sobre o assunto da violência na escola, mas poucos tinham como foco principal os massacres. As produções abordaram em maior quantidade o combate ao *bullying*, apenas um artigo abordou o enfrentamento à violência no ambiente escolar e outro tratou sobre a atuação da Psicologia na posvenção de massacres em escolas.

De acordo com Gomide e Rocha (2024), ainda que não seja possível definir o *bullying* como uma das causas diretas dos massacres escolares, o fato de muitos pesquisadores encontrarem relações entre os dois eventos torna importante a aplicação de medidas de combate ao primeiro, já que é uma forma de violência que ainda ocorre nas escolas e a sua existência torna o ambiente escolar mais hostil aos alunos. Sendo assim, foram analisadas oito produções referentes a esse tema.

Franco (2020) buscou compreender como as publicações acadêmicas brasileiras de 2008 a 2018 conceituam e caracterizam o *bullying*. Já Magalhães

(2020) procurou avaliar alunos do ensino fundamental em relação ao comportamento de *bullying* e habilidades sociais, a partir de dois instrumentos aplicados com estudantes e professores: Escala de Avaliação do *Bullying* Escolar (EAB-E) e o Inventário de Habilidades Sociais, Problemas de Comportamento e Competência Acadêmica para Crianças - adaptação brasileira do Social Skills Rating System (SSRS).

Silva (2021) trouxe em sua produção as percepções de adolescentes ao sofrerem *bullying* e as consequências que essa agressão traz para as vítimas. Reis (2022) abordou as consequências do *bullying* na sociedade e em especial no ambiente escolar e buscou compreender os impactos dessa agressão na aprendizagem escolar dos estudantes.

Já Cunha (2022) teve o objetivo de entender como o psicólogo escolar pode atuar no combate e na prevenção do *bullying* nas escolas, enquanto Ikuma e Costa (2023) fizeram uma revisão bibliográfica com o objetivo de refletir sobre o *cyberbullying*, identificar possíveis estratégias de enfrentamento e prevenção desse problema, além de verificar possíveis formas de atuação do psicólogo escolar em relação a esse fenômeno.

Por sua vez, Carneiro (2023) buscou compreender como a Psicologia pode contribuir na prevenção e no enfrentamento do *bullying*, assim como Ferreira *et al.* (2023), que refletiram sobre a atuação do psicólogo escolar no enfrentamento do *bullying*, a partir da ótica da Psicologia Histórico-Cultural.

Dentre as formas de atuação sugeridas por esses artigos para o psicólogo escolar, estão:

- Promoção de debates e reflexões sobre *bullying* e sobre violência (Cunha, 2022, p. 33; Reis, 2022, p. 11; Martins, 2003, *apud* Ferreira *et al.*, 2023, p. 17);
- Elaboração de programas de intervenção antibullying (Cunha, 2022, p. 35; Ferreira *et al.*, 2023, p. 18);
- Fortalecimento do vínculo entre alunos, professores, escola e família (Freire e Aires, 2012, *apud* Cunha, 2022, p. 35) e estimular o senso de coletividade na comunidade escolar (Rodrigues *et al.*, 2008, *apud* Ferreira *et al.*, 2023, p. 18);
- Conscientização dos gestores sobre a realidade da escola (Cunha, 2022, p. 36) e sobre o problema do *bullying* (Silva, 2021, p. 24);

- Trabalhar a construção de relações saudáveis (Reis, 2022, p. 11; Ikuma e Costa, 2023, p. 30);
- Escuta psicológica/ativa e sem julgamentos, realizada com estudantes e funcionários da escola (Reis, 2022, p. 11; Silva, 2021, p. 24 e 25; Freire e Aires, 2014, *apud* Ikuma e Costa, 2023, p. 30 e 31; Ferreira *et al.*, 2023, p. 18; Carneiro, 2023, p. 59);
- Trabalhar autonomia e autoestima com os estudantes (Freire e Aires, 2012, *apud* Silva, 2021, p. 24) e desenvolver neles competências e habilidades de superação de obstáculos estudantes (Reis, 2022, p. 10 e 11);
- Campanhas de prevenção do *bullying* e ações contínuas de enfrentamento (Ferreira *et al.*, 2023, p. 18);
- Trabalhar o conceito de empatia e estimular o desenvolvimento de comportamentos pró-sociais, através de palestras, cartazes, folhetos informativos, dinâmicas de grupo, entre outras formas (Ferreira *et al.*, 2023, p. 18);
- Colaborar com a construção de uma cultura de paz na escola (Cunha, 2022, p. 37);
- Preparar a equipe escolar para lidar com situações de violência pelo *bullying* (Carneiro, 2023, p. 58);
- E perceber comportamentos violentos e agir para evitar a reprodução desse tipo de manipulação (Aires e Freire, 2012, *apud* Carneiro, 2023, p. 59).

Somando-se ao combate ao *bullying*, um artigo aborda o enfrentamento à violência no ambiente escolar, de forma mais geral. Faria e Silva (2024) abordaram o recrudescimento da violência nas escolas públicas e refletiram sobre políticas públicas de promoção de saúde mental nas escolas e o enfrentamento à violência nesse ambiente. As autoras destacaram a importância da presença de psicólogos nas escolas, pois estes podem “oferecer apoio individual, realizar avaliações psicológicas e desenvolver estratégias de intervenção” (Faria e Silva, 2024, p. 11).

As autoras também apontam a atuação do psicólogo para facilitar a integração entre estudantes, escola e família, contribuir para a superação de estigmas que afetem o desempenho escolar dos alunos e trabalhar de forma interdisciplinar com as equipes educacionais, buscando compreender as raízes da violência, de modo a elaborar estratégias de prevenção (Faria e Silva, 2024, p. 12).

Por fim, as autoras ressaltam a importância da realização de grupos terapêuticos como uma alternativa de baixo custo e potencialmente eficaz para combater a violência nas escolas. Nestes espaços, os alunos podem expressar suas emoções, receber apoio de profissionais, fortalecer vínculos com diferentes membros da comunidade escolar e isso pode contribuir para a construção de um ambiente escolar mais empático e inclusivo, o que permite a promoção da paz e do enfrentamento à violência (Faria e Silva, 2024, p. 12 a 14).

Apesar das sugestões de atuação, nem os artigos de combate ao *bullying* nem o de enfrentamento à violência no ambiente escolar relataram resultados de intervenções já realizadas pela psicologia escolar para a prevenção da violência e/ou de massacres em escolas.

Contudo, um artigo abordou a atuação da Psicologia na posvenção de massacres em escolas. Fedri (2023) trouxe referências para a atuação da Psicologia Escolar após a ocorrência de massacres escolares, a partir do relato da experiência de assistência psicológica à comunidade da Escola Estadual Raul Brasil, após ter ocorrido o caso que ficou conhecido como Massacre de Suzano, em 2019.

Dentre as intervenções realizadas, estão:

- Rodas de conversa;
- Atendimentos individualizados para tratar de queixas específicas que afligem os alunos;
- Fomento de espaços de cidadania e participação dos alunos;
- Visitação dos psicólogos às salas de aula para dialogar com os alunos;
- Escuta psicológica com os demais funcionários da escola;
- Metodologia dos Primeiros Cuidados Psicológicos (PCP) - “oferta de apoio e cuidado prático não invasivo, avaliação das necessidades e preocupações e auxílio na busca por informações”, segundo a OPAS, Organização Panamericana da Saúde (2011);
- Grupo de orientação para a cidadania, direcionado a pais e alunos da comunidade escolar.

As intervenções realizadas na escola Raul Brasil puderam criar espaços de diálogo e de acolhimento, o que pôde abrir espaço para um maior exercício de cidadania pela comunidade escolar (Fedri, 2023, p. 10). Além da importância para a população que enfrentou essa tragédia, as intervenções feitas nessa escola também estão de acordo com as orientações sugeridas pelo relatório *Ataque às escolas no*

*Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental* para prevenir massacres nas escolas. As atividades desempenhadas na escola Raul Brasil podem ser enquadradas em duas categorias principais do relatório em questão: *Proteção, assistência e ações psicossociais*, pois foram desenvolvidos projetos de prevenção e promoção em saúde mental e *Gestão democrática e convivência escolar*, pois as intervenções estimularam o diálogo entre os discentes e com adultos, além de promover a participação dos alunos na gestão democrática da escola.

Logo, a partir dos resultados apresentados ao longo das três categorias, foi possível identificar diversas formas que a Psicologia Escolar pode agir para contribuir com a prevenção dos massacres nas escolas, desde intervenções individuais - como a escuta psicológica com estudantes, funcionários da escola e outros membros da comunidade escolar - até ações coletivas, como a promoção de rodas de conversa, espaços de cidadania e participação da comunidade escolar, grupos de reflexões sobre violência, *bullying* e outros temas relevantes, além de participar da construção de uma educação crítica e emancipadora, dentre outras medidas.

Contudo, a maior parte das produções analisadas manteve o seu foco em propor medidas que podem ser realizadas pelo psicólogo escolar, mas não deram tanto foco às intervenções que foram e estão sendo feitas pela psicologia escolar brasileira para prevenir esses ataques. Isso evidencia que a Psicologia brasileira ainda produz pouco sobre suas próprias ações de prevenção à violência nas escolas e, diante dessa situação, é preciso refletir sobre o que fazer para mudar esse cenário.

### **Como a Psicologia Escolar brasileira pode contribuir para a prevenção de novos massacres?**

A baixa quantidade de artigos publicados sobre intervenções realizadas não significa que elas não tenham sido feitas pelos psicólogos, porém, como em geral seus resultados não foram publicados, não é possível garantir que o problema dos massacres está sendo realmente enfrentado nas escolas brasileiras. Assim, faz-se necessário discutir as causas da escassez de produções da psicologia escolar.

Um primeiro motivo para isso pode ser justamente o grande déficit de psicólogos nas escolas brasileiras. Conforme matéria publicada pelo jornal O Globo

(2023), utilizando dados do Censo Demográfico de 2022, a média nacional da proporção de psicólogos para alunos nas escolas brasileiras é de 1 para 1910. Porém, há estados em que a proporção chega a 1 psicólogo para mais de 3 mil estudantes. Isso pode gerar dificuldades de planejamento e de atuação, devido à grande demanda de atividades a serem desenvolvidas pelos psicólogos. Portanto, a baixa produção científica sobre as ações de prevenção contra massacres de certa forma reflete a realidade, afinal, como implementar um programa eficaz sem planejamento e sem tempo para colocá-lo em prática?

Um segundo motivo para a escassez de produções acerca do tema em questão pode ser derivado do primeiro: as condições de trabalho dos psicólogos, que podem ser obstáculos para a produção científica. Como é possível produzir um artigo sobre os resultados de um programa de prevenção contra massacres se este não foi realizado?

Na mesma matéria citada anteriormente, do jornal O Globo (2023), uma psicóloga relata o seu trabalho na rede pública de ensino durante o período de 2012 a 2019 e comenta que não conseguia desempenhar seu trabalho satisfatoriamente, pois ela precisava estar em diferentes unidades de educação ao mesmo tempo e isso lhe causava muita frustração e sobrecarga. Essa situação revela não só a necessidade de contratar mais psicólogos para as escolas brasileiras, mas também de garantir saúde mental para os profissionais da educação, incluindo os próprios psicólogos escolares. E essa garantia de saúde mental passa pela capacidade das escolas de proporcionarem condições de trabalho dignas aos seus funcionários.

Essas discussões evidenciam a grande necessidade da presença de mais psicólogos escolares para a educação básica brasileira e os artigos discutidos ao longo deste trabalho mostram que a psicologia brasileira tem bastante conhecimento teórico para fazer programas de prevenção à violência nas escolas. Afinal, muitas das propostas de intervenção sugeridas estão em conformidade com as orientações apresentadas na nota técnica nº 8/2023 do Conselho Federal de Psicologia, *A Psicologia na prevenção e enfrentamento à violência nas escolas* e com o relatório *Ataque às escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental* (2023).

Dentre as recomendações da nota técnica do CFP que foram abordadas nos artigos discutidos neste trabalho, estão: mapeamento institucional e a formação de grupos de reflexões e discussões tanto com estudantes quanto com a equipe

escolar (CFP, 2023, p. 11), como defendido por Cunha (2022, p. 33), Reis (2022, p. 11), Martins (2003) *apud* Ferreira *et al.* (2023, p. 17) e Faria e Silva (2024, p. 12 a 14).

Já em relação ao relatório acima citado, que não foi dirigido especificamente para psicólogos, mas que pode ser utilizado como referência também, estão as seguintes ações que podem ser efetuadas pelo psicólogo escolar e que foram sugeridas nos artigos aqui analisados:

- Enfrentar o racismo, misoginia e as diversas discriminações nas escolas e na sociedade (Brasil, 2023, p.14 e 111-113), que se relaciona ao combate ao discurso de ódio, como defendido por Araújo e Souza Júnior (2023, p. 24 e 25);
- Promover Educação em Direitos Humanos (EDH) e educação crítica das mídias (Brasil, 2023, p. 14-15 e 115-118), como sugerido por Vilalba (2020, p. 77 e 79).
- Contribuir para a construção de uma gestão democrática da escola (Brasil, 2023, p. 88 a 93), como foi implementado na escola Raul Brasil (Fedri, 2023);
- E promover uma cultura de paz (Brasil, 2023, p. 93), como defendido por Cunha (2022, p. 37);

Os dados acima confirmam que não falta conhecimento aos psicólogos escolares, mas sim a oportunidade de estar nas escolas - que deve ser garantida com investimento público - e as condições para exercer seu trabalho dignamente, com carga horária justa, valorização salarial e incentivo à produção de pesquisas científicas.

Sendo assim, para contribuir mais com a prevenção dos massacres, a Psicologia enquanto categoria profissional, através de associações, sindicatos e de seus representantes dos Conselhos Regional e Federal de Psicologia, deve lutar pela implementação da Lei 13.935/2019, para garantir a presença de psicólogos e assistentes sociais nas escolas, mas também deve entender que sozinhos esses dois profissionais não poderão resolver todos os problemas da educação brasileira. É necessário um esforço conjunto das escolas, das famílias e de organizações da sociedade civil para mudar a cultura violenta em que os brasileiros hoje vivem - e essa mudança exige tempo, dedicação constante e investimentos públicos.

## Considerações finais

Este artigo teve o objetivo geral de verificar se as ações da Psicologia no combate à violência nas escolas têm potencial para prevenir novos massacres escolares no Brasil. Os objetivos específicos foram identificar causas e condições que favorecem a ocorrência dos massacres, caracterizar as ações dos autores desses ataques e analisar a atuação da Psicologia Escolar na prevenção e na posvenção de massacres nas escolas.

Verificou-se que existem fatores individuais, sociais e contextuais que podem levar um jovem a cometer esse tipo de crime. Não há um perfil único de perpetradores, porém é preciso estar atento a possíveis históricos de violências sofridas por jovens - dentre elas, traumas e *bullying* - analisar como as escolas são gerenciadas, se há participação da comunidade escolar nas decisões, se há ou não estímulo à competição entre alunos, se a organização da instituição reproduz violências da sociedade e verificar como os contextos sociais, culturais, políticos e econômicos influenciam a formação dos sujeitos, para avaliar como se pode prevenir esse tipo de ataque contra as escolas.

Percebeu-se também que há poucas pesquisas da psicologia brasileira sobre os massacres escolares e que a maior parte dos artigos deu maior destaque ao enfrentamento do *bullying*. Além disso, a maioria das produções apresentou orientações e sugestões de intervenção sobre alguns dos fatores ligados aos massacres, enquanto apenas um relatou resultados de intervenções já realizadas na posvenção dos ataques. Apesar disso, as ações sugeridas e implementadas pelos psicólogos escolares brasileiros mostraram-se compatíveis com as orientações do Conselho Federal de Psicologia e de documentos oficiais do Estado brasileiro sobre o fenômeno dos massacres escolares.

Discutiram-se possíveis causas da baixa quantidade de produções científicas e concluiu-se que a grande defasagem de psicólogos nas escolas, aliada à sobrecarga de trabalho, prejudica tanto a implementação de programas de prevenção aos massacres quanto a produção científica - afinal não é possível produzir artigos sobre programas que não foram executados.

Os dois parágrafos anteriores permitem a elaboração de três principais conclusões. A primeira é a constatação de que a psicologia escolar brasileira tem conhecimento sobre o assunto e que suas ações têm potencial para contribuir para a prevenção de novos massacres. A segunda é que, apesar de haver várias possíveis

causas para os ataques às escolas, a psicologia brasileira tem dado maior foco ao combate ao *bullying*, o que exige reflexões sobre se esse seria o caminho mais adequado e se outros fatores importantes estariam sendo negligenciados. E a terceira refere-se à necessidade de haver mais psicólogos nas escolas brasileiras, pois essa maior quantidade poderia facilitar a organização da atuação desses profissionais e permitir uma divisão de trabalho que intervenha não só no *bullying*, mas também nos outros fatores que favorecem a ocorrência de massacres.

Portanto, percebe-se a urgência para o cumprimento da Lei 13.935/2019, que determina a obrigatoriedade da presença de psicólogos e assistentes sociais nas escolas e defende-se que deve haver investimentos públicos e concursos para garantir a presença desses profissionais nesse ambiente.

Possíveis limitações deste trabalho referem-se aos termos usados como descritores nas buscas por produções, que podem não abranger todo o conteúdo referente aos massacres escolares, já que eles também podem ser chamados de atentados escolares, ataques às escolas, violência extrema contra a escola etc. Assim, sugere-se que, em futuras pesquisas, sejam alterados os descritores e/ou sejam elaborados novos termos que consigam abarcar a variedade de termos usados para definir o fenômeno estudado neste artigo.

Além disso, referente aos resultados das ações preventivas da psicologia escolar brasileira, para futuras pesquisas, sugere-se que sejam feitos estudos por psicólogos escolares sobre o impacto de programas de Educação Midiática com alunos e com a comunidade escolar, Educação em Direitos Humanos, programas de intervenção antibullying, programas de combate ao discurso de ódio, programas de gestão democrática das escolas e de implementação de uma cultura de paz nessas instituições.

Enquanto este artigo era produzido, ocorreu um novo massacre em uma escola brasileira, no interior da Bahia (Pitombo e Sousa, 2024), depois de cerca de seis meses sem ocorrer esse tipo de episódio no país. Isso reforça o que foi dito ao longo deste trabalho, de que o Brasil é um terreno fértil para o surgimento de novos ataques e mostra que as intervenções contra esse tipo de evento não podem ser adiadas. A segurança de estudantes, professores, funcionários e de toda a comunidade escolar depende de ações embasadas, coordenadas, urgentes e constantes, com a participação do Estado brasileiro, das escolas e das organizações da sociedade civil, para coibir a violência dentro e fora das escolas brasileiras.

## Referências bibliográficas

ARAÚJO, D. DE J.; SOUZA JÚNIOR, J. C. DE. Massacres em escolas e a cultura da violência. **Repositório Fucamp**, 30 nov. 2023. <http://repositorio.fucamp.com.br/handle/FUCAMP/650>. Acesso em 7 de junho de 2024.

BANDEIRA, K. Número de psicólogos nas escolas do país não chega a 0,1% do total de alunos. **O Globo**, Brasília, 25 de abril de 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/04/numero-de-psicologos-nas-escolas-do-pais-nao-chega-a-01percent-do-total-de-alunos.ghtml>. Acesso em 30 de outubro de 2024.

BIMBATI, A. P.; BARRETO FILHO, H. 58% dos ataques a escola dos últimos 20 anos ocorreram em 2022 e 2023. **UOL**, São Paulo, 24 de outubro de 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/10/24/ataques-a-escola-ultimos-20-anos.htm>. Acesso em 7 de junho de 2024.

BRASIL. **Lei 13.185/2015**. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm). Acesso em 8 de junho de 2024.

BRASIL. Lei do Plágio. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9610.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9610.htm). Acesso em 7 de junho de 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Relatório Final. Ataques às escolas no Brasil: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental. Grupo de Trabalho de Especialistas em Violência nas Escolas. Brasília: MEC, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/grupos-de-trabalho/prevencao-e-enfrentamento-da-violencia-nas-escolas/resultados/relatorio-ataque-escolas-brasil.pdf>. Acesso em 1º de novembro de 2024.

BRASILEIRO, J. M.; SANTOS, L. M. M.; SILVA, N. R. De Columbine a Suzano: uma análise sócio-histórica de atentados escolares. **Psicologia USP**, v. 35, 1 jan. 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/DVVnVBQsTdCqSiVBqqyscRm/>. Acesso em 7 de junho de 2024.

CARNEIRO, M. L. D. A contribuição da psicologia escolar na prevenção e enfrentamento do *bullying*. **Coletânea Ludovicense de Psicologia**, v. 3, 2023. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/106652893/PSICOLOGIA-VOL.-03-1.pdf#page=53>. Acesso em 4 de dezembro de 2024.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. A psicologia na prevenção e enfrentamento à violência nas escolas. **Nota técnica CFP nº 8/2023**. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2023/05/nota-tecnica-violencia-nas-escolas.pdf>. Acesso em 8 de junho de 2024.

ESTADÃO CONTEÚDO. Brasil registra 9 ataques em escolas neste ano e atinge patamar recorde; relembre casos. **CNN**, 23 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil-registra-9-ataques-em-escolas-neste-ano-e-atinge-patamar-recorde-relembre-casos/>. Acesso em 7 de junho de 2024.

FARIA, E. R. DE J. E.; SILVA, K. C. P. Políticas de saúde mental e a psicologia no ambiente escolar: reflexões sobre o enfrentamento à violência. **Revista Científica Eletrônica da Faculdade de Piracanjuba**, v. 4, n. 7, p. 6-24 (jul/dez, 2024). Disponível em: <https://eadfap.com/revista/index.php/vl1/article/view/114>. Acesso em 4 de dezembro de 2024.

FEDRI, B. C. Tiros na Escola: Algumas Referências para a Psicologia na Assistência à Comunidade Escolar. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, p. e250370, 19 jun. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/vTnrtRn3w6VH84mSfVCbK7B/>. Acesso em 7 de junho de 2024.

FERREIRA, A. C. B.; PARIS, G.; OLIVEIRA, I. K.; FADELLI, T. N. S.; OLIVEIRA, F. A. F. DE. A atuação do psicólogo escolar no enfrentamento do *bullying*. **Revista Mais Educação**, v. 6, n. 10, p. 9-22, dezembro de 2023. Disponível em: [https://www.academia.edu/download/109849107/1\\_Revista\\_Mais\\_Educacao\\_V6\\_N10\\_Dezembro\\_2023.pdf#page=9](https://www.academia.edu/download/109849107/1_Revista_Mais_Educacao_V6_N10_Dezembro_2023.pdf#page=9). Acesso em 4 de dezembro de 2024.

FRANCO, C. G. O *bullying* em publicações acadêmicas brasileiras nas bases de dados SciELO e CAPES entre 2008-2018. **Repositório Institucional UFSCar**. Disponível em: [https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/12788/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20CASSIANA\\_VERS%c3%83O%20FINAL\\_COM%20DOCUMENTA%c3%87%c3%83O.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/12788/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20CASSIANA_VERS%c3%83O%20FINAL_COM%20DOCUMENTA%c3%87%c3%83O.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em 4 de dezembro de 2024.

GOMIDE, P. I. C.; ROCHA, G. M. DA. Considerações sobre os “school shooters” ou “atiradores em escolas”. **Revista Expressão**, v. 13, n. 1, p. 24–29, 2024. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/revistaexpressao/article/view/6964>. Acesso em 7 de junho de 2024.

IKUMA, D. M.; COSTA, P. M. DA. A psicologia escolar na era digital: do *bullying* ao *cyberbullying*. **Editora Científica**, v. 1, 2023. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/230814161.pdf>. Acesso em 1º de novembro de 2024.

KOVACS, L. A cronologia dos jogos Resident Evil; saiba a ordem para jogar. **Tecnoblog**, 2021. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/a-cronologia-dos-jogos-resident-evil-saiba-a-ordem-para-jogar/#h-2-resident-evil-24-de-julho-1998>. Acesso em 10 de dezembro de 2024.

LIBÂNEO, J. C. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. **Educação e Pesquisa**, v. 38, n. 1, p. 13–28, 21 out. 2011. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ep/a/YkhJTPw545x8jwpGFsXT3Ct/?lang=pt>. Acesso em 1º de novembro de 2024.

MAGALHÃES, C. P. P. Bullying e habilidades sociais em alunos do ensino fundamental. **Biblioteca Digital de Teses e Dissertações - FAMERP - Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto**, São José do Rio Preto, 2020. Disponível em:

<https://bdtd.famerp.br/bitstream/tede/730/2/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20Cleber.pdf>. Acesso em 7 de junho de 2024.

MARTINS, A. Mortes violentas caem 3,4% em 2023, mas Brasil ainda é um dos países mais violentos do mundo. **Exame**, 18 de julho de 2024. Disponível em: <https://exame.com/brasil/no-de-mortes-violentas-cai-34-em-2023-mas-brasil-ainda-e-um-dos-paises-mais-violentos-do-mundo/>. Acesso em 22 de outubro de 2024.

MATTEI, Clara. **A Ordem do Capital: Como Economistas Inventaram a Austeridade e Abriram Caminho Para o Fascismo**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2023.

MATTOS, L. Brasil teve 36 ataques a escolas em 22 anos; pós-pandemia concentra quase 60%. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 23 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/10/brasil-teve-36-ataques-a-escolas-em-22-anos-pos-pandemia-concentra-quase-60.shtml>. Acesso em 26 de outubro de 2024.

MOORE, M. **Tiros em Columbine, 2002**. Disponível em: <https://youtu.be/ZOhK8kx9UUY?si=OO0ruOb4Ss50KeM4>. Acesso em 7 junho de 2024.

PITOMBO, J. P.; SOUSA, A. Estudante de 14 anos mata três colegas em escola no interior da Bahia. **Folha de São Paulo**, Salvador e Rio de Janeiro, 18 de outubro de 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/10/estudante-de-14-anos-mata-tres-colegas-em-escola-no-interior-da-bahia.shtml>. Acesso em 1º de novembro de 2024.

QUEIROGA, L. Autor de livro sobre ataques em escolas aponta “desejo de fama” como motivação comum de atiradores. **O Globo**, 20 de março de 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/autor-de-livro-sobre-ataques-em-escolas-aponta-desejo-de-fama-como-motivacao-comum-de-atiradores-23533961>. Acesso em 15 de novembro de 2023.

RIBEIRO, A; SCHMITT, G; AGUIAR, T. MP vai investigar se autores da chacina em Suzano participavam de fórum na internet. **O Globo**, São Paulo, 17 de março de 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/mp-vai-investigar-se-autores-da-chacina-em-suzano-participavam-de-forum-na-internet-23529154>. Acesso em 7 de junho de 2024.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 2, p. v–vi, jun. 2007. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/>. Acesso em 7 de junho de 2024.

SILVA, G. C. R. F. DA. O método científico na Psicologia: abordagem qualitativa e quantitativa. **O Portal dos Psicólogos**, 12 de novembro de 2010. Disponível em: [https://www.academia.edu/download/34258237/o\\_metodo\\_cientifico\\_na\\_psicologia.pdf](https://www.academia.edu/download/34258237/o_metodo_cientifico_na_psicologia.pdf). Acesso em 7 de junho de 2024.

SILVA, M. B. DE F. O bullying na adolescência. **Repositório Cogna**. Disponível em: <https://repositorio.pgsscogna.com.br/bitstream/123456789/42316/1/Maria%2BBeatriz%2Bde%2BFreitas%2BSilva.pdf>. Acesso em 7 de junho de 2024.

SOUSA, G. C. Ocorreram 36 ataques a escolas no Brasil entre 2002 e 2023. **Jornal da USP**, São Paulo, 19 de fevereiro de 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/ocorreram-36-ataques-a-escolas-no-brasil-entre-2002-e-2023/#:~:text=Segundo%20o%20documento%2C%20o%20Brasil>. Acesso em 7 de junho de 2024.

VILALBA, T. N. DE B. Violência simbólica, educação e psicologia sócio-histórica em movimento aos massacres escolares. **Repositório UFGD**, 24 mar. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/4040>. Acesso em 7 de junho de 2024.